



*Um enigma surpreendente... uma viagem a outra dimensão. Um jogo entre o passado e o futuro capaz de levar dois adolescentes a uma aventura mágica e inesquecível.*

*Além do dia, além da noite...  
No véu das esferas passantes  
No canto dos passos errantes  
Não digo como  
Mas se quiser me encontrar  
Faça ser duas dimensões  
O que o mundo esconde num templo só*

## Prólogo



*Dizem que Altaville não é perto nem longe. De certo, litoral não é. Circundada por densa vegetação, assemelha-se mais ao calmo interior de um dos vastos territórios que se deleitam por esses mágicos Brasis. Algo, no entanto, posso afirmar: Altaville esconde sonhos e segredos. Mundos que não sei descrever; fatos que não ousou narrar...*

Adalto Lanetti

### **Vilarejo de Altaville, 2000**

Noite de lua cheia, a neblina está a cobrir a estrada e também a visão dos passantes. No horizonte enegrecido, a única luz vem dos relâmpagos que rasgam o céu a cada instante.

Melissa, em grande apreensão, percebe o esforço que o pai faz para não perder o controle da direção. A mãe, com uma flanela nas mãos, a cada dois segundos limpa o pára-brisa... Inútil! Entre desfiladeiros o motorista testa sua habilidade e o frio contribui para tornar aquele, o pior momento de suas vidas.

Quando, enfim, surge o contorno da mansão, todos respiram aliviados. Era quase um milagre chegarem sãos e salvos.

Ao som de rangidos, Paulo atravessa a decadente ponte que leva ao portão e estaciona o carro ainda sob o impacto das últimas horas que vivenciou na estrada.

Com alívio, Melissa deixa o interior do automóvel. A adolescente estava enjoada devido aos terríveis momentos que passou e, ao

deparar-se com a visão sinistra do casarão cinzento, seu mal-estar aumentou.

Não se deu dois instantes e as portas da mansão se abriram. Um garoto de cabelos lisos negros e olhos verdes venceu o pequeno lance de escadas e correu para dar as boas vindas – Nossa, prima. Que demora!

- Não queira saber o que passei... Estou tonta até agora. Parecia mais um filme de terror, desses que a gente tanto gosta!
- Você está exagerando... – porém, ao reparar nas expressões pálidas dos tios, Pedro pôde confirmar as palavras de Melissa – puxa, pelo visto foi ruim mesmo!
- Em doze anos de vida, foi a primeira vez que estive realmente em pânico.

Paulo, impaciente, interrompeu o diálogo – Vocês dois! Chega de conversa, vamos entrar. Está frio e não quero pegar uma pneumonia.

Os dois adolescentes trocaram olhares irônicos, contando mentalmente até dez. Logo, o empertigado pai de Melissa retira do casaco um lenço branco e o leva a testa, demonstrando-se vítima de um mal súbito – Ângela, não me sinto bem...

- É esse lugar, o casarão mais parece um mausoléu e tantas janelas com grades fazem com que eu me sinta isolada do mundo. Não deveríamos ter vindo... – entre resmungos e lamentos, o casal subiu os cinco degraus e, reticentes, adentraram o recinto.

Sem outra alternativa, Melissa e Pedro os seguiram. Expressões zombeteiras, sabiam que teriam muito com o que se divertir.

## Capítulo Um



Não, por mais que se revirasse na cama, ela não conseguia dormir. A lembrança da tia avó sempre carrancuda a perturbava e, ao longe, o badalar do antigo relógio de parede fazia com que a noite adquirisse um arrastar interminável. Aliás, tudo naquela casa era escuro e cheirava a mofo.

Nas paredes frias, ao longo dos anos entranharam-se rachaduras de diversos tamanhos, assim, apesar da fachada imponente, a falta de manutenção carcomia a ostensiva construção.

A cada natal, a mansão tornava-se mais e mais sombria. A adolescente não pôde evitar uma comparação entre as trincas do teto e as diferenças que afastavam sua família. O pai e os tios mal se suportavam.

Melissa ponderou se o desamor seria genético. Por toda a vida, a irmã de seu avô, Leocádia, esteve em conflito com os parentes. Afastava qualquer um que dela quisesse se aproximar. Chegou aos oitenta anos, mas sempre atormentada e nada usufruiu do que herdou.

Melissa suspirou e se encolheu sob os lençóis. Ela e o primo chegaram a implorar para ficar no mesmo quarto, mas a avó foi veemente. Afirmou que na idade de doze anos os dois já não eram mais crianças e um deveria respeitar a privacidade do outro. Bobagem, afinal, quase todos os fins de semana, dormiam juntos. Sendo filhos únicos, tratavam-se como irmãos.

Contudo, algo interrompeu suas reflexões. Na escuridão da noite, ouviu o ruído de passos próximos à cama.

Ruídos que se tornavam mais próximos a cada segundo... Seus pensamentos voltaram à tia avó recém-falecida e quis correr, mas o medo a deixou estática. Trêmula, conteve a respiração. Talvez, fosse melhor fingir que dormia.

No entanto, sentiu o corpo congelar. Seja lá o que estava com ela, encontrava-se agora sobre seus pés e a mover-se lentamente.

- *Não pode ser meu Deus! Estou sonhando* – tremendo, ela descobriu a cabeça e a aterrorizante visão de dois olhos amarelos e brilhantes a fitá-la, fez com que seus gritos acordassem a todos.

Em minutos, que mais pareceram séculos, foi Pedro quem primeiro abriu a porta e, ao acender a luz, um aterrorizado gato preto passou por ele – *O que aconteceu, Mel?!*

- Meu Deus! Era um gato... pensei que fosse um fantasma!
- Ah, você quase me matou de susto e o pobre bichano vai levar um longo tempo até se recuperar. Provavelmente, deve correr a noite toda.

Em poucos segundos, toda a família entrou no quarto. Os avós, Vidigal e Leonora, seus pais, Ângela e Paulo, os pais de Pedro, Amélia e Otávio, os tios solteiros, Ana, Antônia, e Thomaz.

Foi o avô quem primeiro perguntou – *O que houve, menina?*

Ela encarou o primo que dissimulava um sorriso e se apressou em explicar – Nada vovô. Foi só um pesadelo.

Os adultos crivaram-lhe de perguntas, porém, mal respondeu, o ocorrido perdeu a importância e, apesar da hora, empreenderam penosa discussão sobre as condições da casa, colchões, aquecimento interno, etc.

Pronto – refletiu Melissa – em plena madrugada, iniciava-se mais uma enfadonha sessão família.

## Capítulo Dois



Atentos, Melissa e Pedro percorreram os arredores da Mansão. Um matagal denso e fechado compunha as redondezas da casa. O que antes foi uma estufa estava agora em precárias condições e enormes teias de aranha entrelaçavam-se nas raízes secas e enegrecidas.

No jardim, não havia sequer uma rosa. Da bela fonte, onde antes se derramava límpida cascata, restaram apenas os entulhos.

- Nossa, Pedro, em dois anos a mansão acabou.
- Estranho, Mel. Pelo que ouvi por aí, ninguém sabia que a tia Leocádia estava numa situação tão ruim.
- Pois é. Que triste o fim dela. Nossos pais estavam com tanta esperança na herança do vovô e, de repente...
- Acho que arrumaram um problema. No estado em que se encontra, ninguém vai querer comprar esse lugar

Um grito interrompeu o diálogo; curiosos, os dois seguiram na direção do portão perguntando quase em uníssono – O que aconteceu, tio?!

- Vejam vocês mesmos... E se forem os responsáveis eu...

Incrível, mas os quatro pneus do carro de Thomaz estavam arriados.

Mel não se conteve – Sei que não gosta da gente, mas temos mais o que fazer do que furar os pneus dessa lata velha. *Vamos, Pedro!*

Thomaz voltou-se furioso para a jovenzinha, contudo, os dois meninos já corriam gritando aos quatro ventos a sua desdita.

Rosto avermelhado, grossas gotas de suor escorriam-lhe das faces e o corpo obeso, tornava penosa a rápida locomoção até a casa – Antônia, Ana? – chamou aos berros. As irmãs vieram afoitas ao seu encontro e perguntaram o que se passava.

- Meu carro... Está com os pneus furados e tenho pra mim que foram aquelas duas pestinhas... onde está o Onofre?

- Foi até a cidade com Ângela, Amélia e Otávio. Estão fazendo as compras para a nossa estadia. Se ainda não percebeu, as dispensas estão vazias.

Ele murmurou um resmungo qualquer e, num gesto de impaciência, dirigiu-se à casa de ferramentas.

Thomaz teve sua busca frustrada, pois não encontrou uma única ferramenta.

O que antes eram prateleiras organizadas, tornou-se um amontoado de madeira velha, encostada num canto imundo da parede.

Ele sentiu a irritação crescer e saiu à procura do pai, que estava no escritório, remexendo alguns papéis.

- Papai?
- Diga – respondeu Vidigal, sem ao menos levantar os olhos da escrivania.
- Pode me dizer o que está acontecendo aqui?
- Não entendi a pergunta, faz pelo menos uns quarenta anos que não moro mais na mansão.
- Tudo bem, muito engraçado. Mesmo assim pode me dizer o que houve com esse lugar?
- A que se refere?
- Pai! Olhe ao redor e verá. Paredes rachadas, o jardim está morto, a fonte não mais existe, não há nada na dispensa e nenhuma ferramenta.

Triste, Vidigal encarou o filho – Lamento, mas minha irmã estava em dificuldades. Eu e sua mãe não sabíamos. Acho que nem se vendêssemos tudo o que restou, seria suficiente para saldar as dívidas de Leocádia.

A taquicardia foi inevitável e Thomaz precisou se sentar – Dívidas? Acho que não ouvi bem.

- Claro que ouviu. Estou dizendo que, ao contrário de nossas expectativas, não vamos receber um único tostão.

- Mas papai, eu... – Você e seus irmãos me surpreendem, vieram visitar a tia em raríssimas ocasiões, quando bem entendiam. Às vezes, levavam meses, nunca perguntaram sobre a situação financeira da pobre e agora estão chocados

com o estado da casa. Ora, suas irmãs também já me encheram os ouvidos. Que filhos criei! Parecem mais aves de rapina. Fazem-se de desentendidos quando, na verdade, estão é preocupados com a herança. Pois comunique aos outros: Leocádia estava falida! E agora saia que estou ocupado.

Com alguma dificuldade, Thomaz abandonou a cadeira e, ao fechar a porta do escritório, levou as mãos ao peito num gesto dramático – Falida... Estamos perdidos!

Pedro e Melissa avistaram um táxi estacionar em frente ao portão. Ao se aproximarem, viram que se tratava dos pais e correram a recebê-los.

- Onde deixou seu carro, pai?
- Enguiçou e tive de deixá-lo na oficina, Melissa. O pior é que com as festas de fim de ano, não há previsão de conserto.

Paulo estendeu um pacote para a filha e descarregou o restante das compras que todos o auxiliaram a levar para dentro de casa.

No último dos três andares do casarão, pequena janela coberta por uma cortina improvisada servia de abrigo a um sorriso funesto. Dois olhos astutos observavam satisfeitos a movimentação do pessoal, afinal, tudo saía conforme o combinado... Era só uma questão de tempo.

Em breve, os herdeiros *Souza* estariam a se engalfinhar.

## Capítulo Três



Paulo esperou que Thomaz deferisse toda a série de imprecações e, ao término, externou sua opinião – Meu caro, não creio que as crianças tenham furado seus pneus. Melissa e Pedro têm muito juízo.

Otávio concordou com o cunhado e conteve a impaciência diante de Thomaz que, como de hábito dramatizava a situação.

- E agora, como vamos fazer sem carro?
- Ora, Thomaz! Que eu saiba, meu veículo está em ótimas condições. Não costumo viajar sem checar óleo, freio, pneus etc. Algo que, diga-se de passagem, é essencial.
- Francamente, Otávio! – replicou ofendido, pois, como era do conhecimento de todos, sua avareza não permitia que tomasse tais precauções – O fato é que o meu carro está com os quatro pneus furados e não posso fazer nada a respeito. Será que pode me levar até a cidade?

O outro ponderou - Só amanhã, está anoitecendo e praticamente acabamos de chegar.

Melissa e Pedro, escondidos na biblioteca, enfezavam-se contra as acusações do tio; quando os três homens se foram, entreolharam-se confusos.

Pedro balançou a cabeça em clara desaprovação a conduta de Thomaz, todavia, pensativa, Melissa falou – Tudo bem que o tio é complicado, mas uma coisa faz sentido! Quatro pneus não aparecem furados de uma só vez...

- Tem razão. Se não fomos nós, quem foi?
- Precisamos investigar. Acho estranho que o carro do papai também tenha tido problemas.

Todos jantavam quando acabou a luz na mansão. Impiedosa, a tempestade fazia com que a água escorresse pelo lustre e, temerosos, os Souza se dirigiram à sala de visitas.

Paulo, após um acesso de tosse, dirigiu-se ao pai – a casa está em petição de miséria. Estamos correndo o risco de as paredes ruírem.

Vidigal coçou a barba, antes de responder – nada acontece de um dia para o outro, meu filho. São anos de negligência... não podemos esquecer o fato de que minha irmã era só. Ficou viúva quando eu ainda era criança. Ao que parece, não soube administrar o patrimônio.

- De fato, não soube administrar mesmo.

- Mas é difícil manter uma casa tão grande. Veja o meu caso e o de sua mãe, por exemplo. Tanto investimos em nossos filhos e tudo foi inútil, jamais se preocuparam em nos oferecer alguma ajuda. Agora é tarde. Vendemos nossos bens e a morte de Leocádia em nada altera a situação precária.

O restante dos familiares manteve-se em silêncio e só a claridade dos raios iluminava o ambiente de tempos em tempos.

Finalmente, Ana resolveu sair à procura de uma vela e retornou instantes depois com um antigo candelabro. A vela vermelha não fazia muito efeito e todos se recolheram tensos e frustrados.

Faltavam quatro dias para a véspera de natal e havia muito a ser feito para organizar o interior da mansão.

Todos dormiam quando Melissa foi à procura do primo. O pesadelo tirou-lhe o sono completamente e não conseguiu ficar sozinha, ouvindo os ruídos estranhos que entravam pela treliça da janela. Os estalidos traziam a impressão de galhos secos se partindo, aguçavam seus sentidos e imagens assustadoras invadiam sua mente.

Não mais chovia, porém, goteiras enormes escorriam pelas paredes úmidas e ecoavam no chão. A menina caminhou nas pontas dos pés e, quando entrou no quarto de Pedro, abriu a porta lentamente para que seu rangido não acordasse os tios e os avós. Aproximou-se da cama e constatou que ele ressonava tranqüilamente. Puxou a colcha e, instantes depois ele acordou sonolento – Mel?

- É... Estou com medo, agora tenho certeza de que alguma coisa muito esquisita está acontecendo nessa casa.

- Nós deveríamos estar dormindo... Quantas horas?

- Não sei, mas não quero mais dormir. Tive pesadelos e meu quarto é muito barulhento. Além disso, estou com um sentimento ruim. Não sei o que é.

Pedro recostou-se à cabeceira da cama e analisou a sombra de Melissa que a luz de um castiçal desenhava na vidraça da janela.

-Talvez seja só impressão... Não está acontecendo nada demais, acho que estamos fantasiando as coisas.

- Você acredita realmente nisso?
- Claro, Mel. Ultimamente a gente exagerou nos filmes de terror. Vamos escolher algumas comédias daqui pra frente. E se quer um conselho, pare de ficar lendo tantos livros de mistério.
- Vou pensar, mas por enquanto vou dormir aqui com você.
- *Ok!*

O sol já ia alto no céu quando os dois meninos despertaram ao som de vozes alteradas. Entreolharam-se confusos e se levantaram da cama, seguindo direto para as escadarias da mansão.

Otávio e Thomaz discutiam descontroladamente – *por que estão brigando?* – indagou Pedro, entretanto, Otávio pareceu não ouvir e Amélia esclareceu para o filho – O carro de seu pai desapareceu e alguém fez uma brincadeira de mau gosto.

- Como assim, mãe?
- Acorrentaram o portão de fora a fora e, não bastasse, a ponte caiu por causa da tempestade.
- O quê?!
- Foi o que ouviu.
- Não sei como conseguiram, mas está feito. Não há como sair daqui, a não ser pela mata cerrada e o brejo que cerca a propriedade. E o pior é que nem o telefone da casa, nem nossos celulares funcionam.
- Não falei que ouvi ruídos essa noite?
- Mas, Mel, eu não ouvi nada.

Os adultos interromperam a discussão e fixaram atentamente os dois adolescentes – Diga, filho. O que você ouviu?

- Nada pai, a Mel é que pensou ter escutado.
- Pensei não, eu ouvi! Era um ruído tão horripilante que nem consegui ficar no meu quarto.

- Tudo bem, precisamos aceitar que algo esquisito está acontecendo. Alguém quer nos assustar e seja o que for, está conseguindo. Estamos praticamente isolados da civilização. Um de vocês tem ideia de como podemos sair daqui? Porque pela mata é impossível. Há muitos espinhos e corremos o risco de ficar presos no brejo.

Melissa observou que a mãe estava praticamente em pânico e o restante dos presentes tinha a expressão preocupada. Intrigada, sugeriu – Proponho que a gente tente encontrar alguma pista dentro de casa.

- Filha, não estamos num filme de aventura...
- Certamente que não, parece mais um suspense.

Naquele momento, Thomaz replicou furioso – Vocês dizem que essa menina tem *Q.I.*<sup>1</sup> elevado, eu diria que isso só aparece no quesito faz de conta... *Que Imaginação*, isso sim!

- Não fale assim com minha filha, você não tem um pingão de tolerância.

- Faça-me o favor, Paulo! – Thomaz se afastou indignado e Melissa voltou-se para o pai – Não liga não, o titio sofre da síndrome de sub-inteligência emocional e, como se não bastasse, tem o péssimo hábito de julgar as pessoas.

Ângela então levou a mão aos cabelos da filha, num gesto de carinho – Só que ele não está completamente errado. Por favor Mel, não alimente essas fantasias. Ao menos, não mais. É perigoso porque nunca sabemos aonde o medo pode nos levar.

- Tudo bem mãe, mas nada podemos fazer além de encarar os fatos. Algo está acontecendo e ninguém sabe explicar o quê.

- Nesse ponto concordo, mas... – Chega, Ângela! – ralhou, Paulo, já impaciente.

- Com quem você pensa que está falando? – Em pouco tempo, os adultos envolviam-se em nova discussão e Melissa e Pedro se afastaram frustrados.

---

<sup>1</sup> Somente a título de esclarecimento, afirma-se que o *Q.I.* está na proporção entre a inteligência de um indivíduo, determinada de acordo com alguma medida mental e a inteligência normal ou média para sua idade. Entre as diversas maneiras de se calcular essa proporção, a mais comum é a da idade mental dividida pela idade cronológica. De uma forma geral, considera-se que a debilidade mental começa com o índice abaixo de 70 e a inteligência superior, acima de 130.

- Não entendo essa gente. Em vez de tentar descobrir o problema ficam se atacando, discutem por horas e horas e não chegam a nenhuma conclusão.

Pesaroso, Pedro assentiu e os dois subiram as escadas em direção aos quartos.

- Acabo de chegar a uma conclusão, primo. Seja lá o que estiver acontecendo, nossos pais e tios estão se deixando levar.

- Como assim?

- Estão discutindo. Sempre foram desunidos e isso serviria de estratégia para qualquer um.

- *Pera aí!* Quer dizer, se alguém está provocando toda essa confusão, eles estão ajudando, porque parece que se detestam e se acusam sem pestanejar... claro! Agora entendi o que está dizendo.

- E nós, de repente, somos as únicas pessoas lúcidas da casa.

- Pode deixar, Mel! Se tiver um responsável, vamos encontrá-lo. Acredita que pode ser um de nós?

- Não. Ninguém em nossa família seria tão inteligente. Pode imaginar tio Thomaz agindo com discrição?

- Não mesmo. Nossos avós também não nos deixariam com medo e tia Ana e tia Antônia se escondem até da própria sombra.

- Bem, vamos começar nossa investigação pela biblioteca. Nos filmes, os livros sempre escondem um segredo, se não nas páginas, atrás da estante.

- O vovô não vai deixar.

- Não tem que deixar. Vamos esperar o anoitecer e, quando todos estiverem dormindo, a gente procura o que quer.

- Sei não Mel, não gosto da idéia de ir lá à noite.

- Melhor do que a gente ficar acordado e de braços cruzados. As coisas podem piorar. Por enquanto, a gente procura aqui mesmo.

## Capítulo Quatro



O cricrilar intenso dos grilos e o coaxar dos sapos, era o único ruído a se ouvir na mansão. Quando o relógio finalmente deu meia-noite, Mel e Pedro desceram as escadas, pé ante pé.

Durante duas horas folhearam os livros inutilmente, mas além da poeira e das traças não encontraram nada, nem um único documento ou papel que denunciasse algo suspeito.

Desanimada, Mel sentou-se à escrivaninha.

Então, fixando a estante, notou em meio aos livros que Pedro revirava um anjo de mármore escondido. Levantou-se curiosa e verificou a estatueta. Aparentemente encardida, trazia nas mãos uma taça de metal que, em contraste com a peça, sob a espessa camada de pó revelava um brilho intenso.

- Deve ser o único enfeite da casa que resistiu ao tempo. Por que deixaram atrás dos livros?
- Não gosto dele. Dá a impressão de que está nos vigiando.
- Deixe de besteiras, Mel! - Pedro tocou a imagem, entretanto, ela não se movia. Estava fixa na madeira.
- Que estranho, será que colou com o tempo?
- Pode ser. Reparou que a taça parece solta?
- É impressão...
- Não é não.

Mel se aproximou. Ambos analisaram criteriosamente o enfeite, Pedro então puxou bruscamente a taça, sem poder prever o que iria acontecer...

Não se passou dois segundos antes que o chão sumisse sob os adolescentes.

Enquanto um alçapão se fechava, Mel e Pedro desabaram em cima de cortinas e forragens velhas.

Levou algum tempo até que se conscientizassem do ocorrido. Sentindo a poeira contra o rosto, ambos se levantaram assustados – O que foi isso, Mel?

- Tenho medo até de saber...

- Parece que caímos no porão

- Isso é óbvio, o problema é como caímos aqui.

- Calma, me dá a sua mão e vamos sair dessa nuvem de pó.

A parca luz que iluminava ambiente indicava a passagem para um corredor estreito – Pedro, deve ser o porão. Lembra, viemos aqui quando éramos pequenos. Se não estou enganada, tem uma saída para o jardim.

- O problema é atravessarmos esse corredor em ruínas. Há muito tempo o vovô disse que pretendiam aterrar o porão.

- Não temos opção.

Ambos percorreram a estreita passagem deparando-se com uma pequena abertura de onde vinha a luz. Era um cômodo, sem dúvida, porém, nunca se deram conta da existência daquela porta.

Lutando contra as teias de aranha que pendiam do teto, Melissa e Pedro se aproximaram temerosos, certos de que os últimos acontecimentos pareciam irrealis.

Notaram que as grossas velas na parede, derramavam-se em cascata, clareando um altar. Contudo, sobre a superfície lisa de mármore, nada havia além de um quadro talhado em pedra.

- Estranho... o que é essa coisa?! – Pedro se aproximou e tocou o objeto curioso.

- Não sei.

- Tem alguma coisa escrita, mas não compreendo essa língua:

“O altitudo divitiarum sapientiae, et scientiae Dei: quam incomprehensibilia sunt iudicia eius, et investigabiles viae eius!”<sup>2</sup>

- Deve ser Latim...

- E você entende?

- Não. Mas quando pesquisei sobre o Império Romano, li a respeito.

- Olha só – constatou o menino - os desenhos são irregulares como num quebra-cabeça. É isso! Acho que é um quebra-cabeças!

Atenta, Melissa examinou o tabuleiro – Tem também uns pequenos desenhos nas extremidades – Intrigada, ela tentou separar as peças – Não consigo, parecem coladas.

- É a forma como está puxando. É um material pesado. Deve ter um jeito mais fácil.

Pedro buscou um castiçal de forma a analisar melhor a descoberta e entendeu que as peças encaixavam-se geometricamente ao redor de uma estrela – Agora entendi! É a peça do meio que mantém as outras presas.

Excitado, ele não levou mais do que um minuto para separar as peças. Logo, os dois meninos foram atirados em meio a um redemoinho.

Entre gritos, não conseguiam entender que dimensão era aquela em que se encontravam. Tudo girava enquanto mergulhavam

---

<sup>2</sup> “Ó profundidade das riquezas da sabedoria e da ciência de Deus! quão incompreensíveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis os seus caminhos!” (Vulgata, Romanos 11.33).

num buraco sem fim, até que fez-se um clarão e nenhum dos dois viu mais nada.

Melissa acordou com o canto dos pássaros. O sol aquecia seu rosto e levou algum tempo até sentir o desconforto do chão e lembrar o sonho maluco da noite anterior.

Contudo, ao abrir os olhos, deparou-se com uma profusão de árvores e, para seu desespero, estava deitada em meio à relva.

A visão de Pedro alguns metros adiante, fez com que se erguesse e caminhasse até o primo. Como ela, observava o ambiente confuso.

- O que aconteceu com a gente, Mel?

- Não sei, sonhei com umas coisas estranhas e de repente acordei aqui.

- Eu também tive um sonho meio louco. Por acaso fomos à biblioteca ontem à noite?

- Sim... não. Pedro, acho que não foi um sonho! Onde estamos?!

Ambos correram entre as árvores até alcançar um descampado. Com exceção de uma única construção em meio à paisagem verdejante, nada havia que lembrasse a vila de Altaville.

- Espera, aquela casa não é a mansão?

- Não sei, está bem diferente, não vejo o matagal nem o brejo, mas com certeza a ponte e o portão parecem os mesmos.

- Não estou entendendo como chegamos aqui.

- Talvez ainda estejamos dormindo.

- Pode ser. Tenho a impressão de que entramos numa fria e das grandes!

## Capítulo Cinco



Ambos se entreolharam buscando uma resposta, porém, o som de um pranto sentido interrompeu suas reflexões. Acompanharam o ruído e caminharam até uma pequena clareira.

Em meio às folhagens, uma jovem vestida à moda antiga, denunciava profunda tristeza. Logo, os olhos de um verde intenso alcançaram os dois intrusos – quem são vocês?

- Sou Mel e este é meu primo Pedro. Estamos meio perdidos, pode nos dizer que lugar é esse?

A moça analisou as duas crianças, achando graça na maneira como se vestiam – Nunca vi roupas tão inusitadas...

- Ei, por favor, não respondeu a pergunta que lhe fizemos – Falou Mel, impaciente.

- Estão nas terras dos Souza. Vieram para a festa das estações? – percebendo a expressão indagativa das crianças, apressou-se em explicar - Nessa época do ano todos os fazendeiros se reúnem para compartilhar os rendimentos obtidos com as colheitas, mas meus pais nunca participam - À medida que a jovem falava, os dois adolescentes ficavam ainda mais confusos. A sensação era de uma familiaridade que, no entanto, não entendiam.

Mel se aproximou da jovem que procurava se recompor e toucou-lhe os cabelos curiosa – Como você se chama?

- Sou Leocádia... e vocês?

Repentinamente, tanto Pedro como Mel tiveram a sensação de estar delirando. Claro, aquela jovem que agora conversava com eles, era a descrição perfeita do retrato da tia avó que se encontrava sobre a lareira. Ou realmente sonhavam ou inacreditavelmente, de alguma forma, estavam no passado.

- Sou Melissa e esse é meu primo Pedro, só que pode me chamar de Mel. E antes que pergunte novamente, não viemos para a festa das estações.

- Entendo.

Apavorada com as próprias desconfianças, Mel perguntou à Leocádia – pode nos dizer em que ano estamos?

- Ora, menina! Estamos em 1935, acaso não freqüentam a escola?

Assustados, Mel e Pedro perguntaram ao mesmo tempo – 1935?!

A jovem questionou se as duas crianças se encontravam em seu juízo perfeito – começo a me preocupar... acaso beberam algo?

Melissa se aproximou e segurou Leocádia pelas mãos – Não! É muito pior! Se contarmos, promete que não vai rir?

- Por que eu riria?

- Viemos do futuro... quer dizer, do nosso presente, olha, o fato é que estamos em 2000 e, por algum motivo louco, viemos despencar no passado.

- *Estão em 2000?!* - Leocádia teve pena das crianças, na certa não eram boas da cabeça. Melissa notou então que a suposta “tia avó” pensava que estavam delirando.

- *Precisa acreditar na gente!*

Num olhar de súplica, Pedro narrou pausadamente os últimos acontecimentos, contando inclusive como havia sido a vida de Leocádia, o nome do falecido marido, o relacionamento com o irmão, a cunhada, os sobrinhos, enfim, todos os detalhes. E apesar de num primeiro momento reagir com descrença, a jovem terminou por refletir.

- De fato, parecem mesmo ter vindo de outro mundo e o que me falam faz de fato algum sentido. Ouçam... eu quero bem a um rapaz que meus pais não aprovam. Leonardo não tem recursos e, com medo de que eu tome alguma atitude para ficar com ele, meus pais estão me obrigando a ficar noiva de Augusto Lacerda, um professor que freqüenta a nossa mansão há alguns anos. Além de ser mais velho, tem algo em sua pessoa que me assusta. Pelo que vocês estão dizendo, eu teria me casado com esse homem. Entretanto, afirmaram que tenho um irmão. Não tenho irmãos. Após as complicações que sofreu com meu nascimento, minha mãe não pôde mais ter filhos.

Mel, então, afirmou – Você, quero dizer, a tia Leocádia era bem mais velha do que o vovô. Talvez, seus pais o tenham adotado.

- Não acredito. Não é da natureza deles. São pessoas arraigadas, materialistas. Se mal toleram minha presença, não acolheriam o filho de alguém.

Os três permaneceram em silêncio, tentando reunir os retalhos da história. Em toda aquela loucura, alguma coisa não se encaixava.

Enquanto divagavam, alguém chamou por Leocádia – Preciso ir. Já estive muito tempo aqui fora. Não se afastem da Mansão. Assim que tiver uma oportunidade, volto para decidirmos o que fazer. Confesso que a história de vocês despertou minha curiosidade.

Mel e Pedro nunca sentiram tanta fome na vida, no entanto, por mais que perscrutassem os arredores, nem uma opção se mostrava viável. Não poderiam se afastar daquelas terras, ao mesmo tempo, se alguém os descobrisse, poderia causar confusão.

Sentaram-se na clareira, aguardando o retorno de Leocádia, porém, algum tempo depois, foi um rapaz que surgiu entre as folhagens, sussurrando o nome da jovem. Surpreendeu-se ao se deparar com Mel e Pedro – quem são vocês?

Os dois adolescentes disseram em uníssono- vai começar tudo de novo...

- Não entendi! Nunca os vi por essas bandas. De onde saíram?

- Por acaso se chama Leonardo? - indagou Pedro curioso.

- Sou eu, como sabem meu nome?

- Ih... a história é muito longa. Se tiver tempo livre, podemos contar, afirmou Mel, lívida de fome – mas antes, por favor, tem algo para nos dar de comer?

- Sou sapateiro e em minha casa não temos muito, é verdade, mas nunca há de faltar alimento para saciar a fome de alguém... - Leonardo observou os dois meninos confuso. Então, notando que realmente estavam pálidos, conduziu-os até o pequeno casebre na divisa com as terras dos Souza, onde habitava com a mãe, Maria.

Melissa observou admirada a gentileza da humilde senhora ao servir-lhes pão e sopa, que, famintos, definiram como uma refeição maravilhosa e, tanto ela, quanto o primo muito agradeceram a calorosa acolhida.

Os primeiros sinais do pôr-do-sol coloriam o horizonte quando os meninos se despediram de Maria, acompanhados por Leonardo.

Assim que alcançaram os arredores da mansão, avistaram Leocádia caminhando no jardim. Não passou dois tempos antes que se encontrassem.

Enquanto os namorados se abraçavam, Mel e Pedro tentavam pensar no que deveriam fazer. Após alguns instantes, a jovem se voltou para os meninos - Meu avô quer vê-los... penso que ele sentiu algo. Ele tem dessas coisas.

- Que coisas? – indagou Mel, curiosa.

- Ele estuda certos fenômenos. Não entendo quais exatamente, mas de alguma forma, ele sabia algo sobre a chegada de vocês. Porém, não se assustem, vovô é um tanto estranho, mas completamente inofensivo.

Leonardo não se conteve – estou cada vez mais confuso. Ainda não me disseram de onde vieram e não estou entendendo que ligação tem com os Souza.

Pedro sorriu e narrou novamente os últimos acontecimentos. Quando a noite os alcançou, os quatro percorriam o porão da mansão à procura do avô de Leocádia.

Após percorrerem o interior abafado da passagem subterrânea, foi o próprio Nélio quem lhes abriu uma estreita portinhola, camuflada pela parede de pedra. Com exceção de Leocádia, todos estavam boquiabertos.

## Capítulo Seis



Nélio era um senhor de forte compleição física. Não fosse pelos cabelos grisalhos e a longa barba em igual tom, muitos se enganariam quanto a sua idade. Foi com um olhar intenso que analisou os dois meninos, deixando claro nos trejeitos, seu perfil excêntrico.

- Não me enganei, Léo. Ambos vieram por você!

Dito isto, convidou-os a segui-lo por uma pequena passagem, que levava até seus aposentos.

Mel e Pedro pensavam estar adentrando as páginas de um livro de magias. Objetos nada convencionais surgiam em cada canto do cômodo, iluminado por uma infinidade de castiçais e uma grande lamparina. A atmosfera recendia um perfume adocicado de incenso, mesclado ao cheiro de velas queimadas.

Na parede de pedras, um espelho gigantesco destacava-se fazendo com que o quarto ampliasse suas dimensões. A mobília apresentava aspecto medieval... papéis, pergaminhos e livros espalhavam-se por todo o ambiente.

Nélio acompanhou o olhar das crianças divertindo-se com as expressões de espanto, então, interrompeu a inspeção indicando grande ampulheta sobre uma superfície que lembrava um altar.

Mel e Pedro reconheceram estar no mesmo local que, de alguma forma, abriu-lhes a passagem para o passado. Nélio virou o grande e ostensivo objeto – Esse é o tempo de que dispõem para mudar o futuro e salvar suas vidas. Estamos correndo contra algo poderoso e desconhecido. Algo que vai além de nossa racionalidade.

- Não entendo vovô... com o quê exatamente estamos lidando? Cada vez eu me sinto mais perdida. De repente, tudo me parece fantasioso.

- *Cara mia...* e a vida não é repleta de incidentes inexplicáveis, coincidências indesejáveis, fatos inesperados? Isso também não lhe é um tanto fantasioso? Ora, mesmo os sentimentos são tão concretos

quanto a mais incrível fantasia. Eu bem insisti que despertasse o espírito para as questões filosóficas... bom, sou um avô um tanto frustrado, mas se quer realmente compreender o que se passa, ouça atentamente o que tenho a dizer.

Após acariciar a longa barba, prosseguiu Nélio - Descobri que meu genro planeja um casamento secreto para Léo. Infelizmente, minha filha nada faz para detê-lo. Extremamente fútil e materialista... eu mesmo já não a reconheço. O fato é que a cerimônia está próxima... penso que será na tarde de amanhã. Estão completamente envolvidos por Augusto Lacerda. Ainda não sei bem o mistério que cerca a vida desse jovem. Mas sei que ele tem grande ligação com energias que não são benéficas. Sua mãe, a viúva Ester, é adepta da *criptologia*<sup>3</sup>. Não bastasse, Augusto tem formação acadêmica de químico. Ambiciosa, Éster utiliza os conhecimentos científicos em benefício próprio, o que tem lhe rendido alguma fortuna. Fria e calculista, sempre cobiçou a mansão dos Souza. Por isso uma união legal entre Augusto e Leocádia atende seus interesses. Precisamos evitar tal catástrofe.

Em meus poucos conhecimentos místicos, vi um pouco do nosso futuro. Por isso, vocês encontraram a passagem através do *Jogo de Adalto*. Ele me chegou às mãos por intermédio de meu avô.

- *Jogo de Adalto?* – Os quatro ouvintes indagaram ao mesmo tempo.

- Correto. Não se apressem que vou explicar. Há aproximadamente cem anos, um cientista italiano, Adalto Lanetti, imigrou para o Brasil e se isolou na região de Altaville. Criou o jogo a partir da combinação de seus conhecimentos científicos, cósmicos e filosóficos. De alguma forma, através do estudo do comportamento humano, aliado à alteração climática e a variação energética, teria alcançado a projeção necessária para abrir um portal que levasse a outra dimensão. Não sou físico, tampouco cientista, por isso não sei exatamente precisar como obteve tal resultado. O fato é que almejava levar suas invenções ao mundo moderno. Contudo, algo frustrou suas expectativas. Alguém

---

<sup>3</sup> Ciência oculta ou ocultismo. Diz-se de práticas e rituais baseados em conhecimentos secretos e na invocação de forças desconhecidas.

descobriu o sobre o jogo. Sabendo dos riscos que corria, confiou seu segredo ao meu avô, que, sendo na época ainda bem jovem, o atendia com um aprendiz. No entanto, pasmem, era sem saber seu herdeiro legítimo. Fruto de um casamento que não durou mais do que um ano, pois minha bisavó morreu ao dar a luz. Adalto quis proteger o filho, escondendo sua verdadeira origem. Não sabemos exatamente porque, mas teria relação com suas invenções.

Como previu, Adalto foi assassinado e meu avô, surpreendido pela existência de um testamento que trouxe a verdade à tona, tornou-se proprietário da mansão. Essa mesma casa que foi construída por Adalto.

Dispondo dos pertences do pai, meu avô trabalhou no jogo durante anos e foram suas anotações que me levaram a descobrir que a passagem seria realmente possível. Desde que o tempo coincidissem com o plano traçado por Adalto, assim como as coordenadas celestes e os círculos horários.

Algo, no entanto, me impediu de fazer a viagem. A peça central nunca foi encontrada.

Pedro não podia entender – mas nós encontramos o jogo intacto... eu mesmo retirei a peça central.

- O que só foi possível, porque Adalto teria estado no futuro. E, segundo as anotações que eu mesmo traduzi, na mesma data que corresponde à chegada de vocês. De alguma forma, o que encontraram foi a materialização do jogo obtida por meu bisavô. Porém, ouçam, se não encontrarmos a peça, não há como voltar ao futuro, quero dizer, ao tempo de vocês. Eu precisava arriscar. Por isso dispus o jogo no altar e procedi conforme as orientações de Adalto, para trazê-los até nós. Sua família corre perigo. São meus descendentes. Herdeiros dos Lanetti. Por isso estranhos fenômenos ocorriam na mansão. Pude vê-los em meus sonhos e é essa nossa conexão. Quem primeiro chegasse ao quarto no interior do porão, estaria incumbido de voltar no tempo para tentar modificar os fatos que traçariam o destino dos Souza. Entretanto, precisávamos que fossem as pessoas certas...

Nélio fitou os quatro que digeriam perplexos suas explicações. Vejam só – embaixo do altar, meu bisavô deixou um enigma. Com o auxílio de uma lamparina, Nélio se inclinou e iluminou os escritos para que Mel e Pedro pudessem lê-los.

Além do  
dia, além da noite...  
No véu  
das esferas passantes  
No canto dos passos  
errantes  
Não digo como  
Mas se  
quiser me encontrar  
Faça  
ser duas dimensões  
O que o mundo esconde num  
tempo só

Acredito que só esse enigma pode levar à peça central. Foi a forma que Adalto encontrou para proteger seu segredo. Entretanto, o homem que o encontrasse deveria ver além do que enxergam os olhos da razão. E, claro, ter os sentimentos iluminados para que energias ruins não se apoderassem da passagem de forma errada. Por isso a citação latina. Rapidamente, Nélio esclareceu o significado da frase, deixando claro que no dizer “ciência de Deus”<sup>4</sup>, a combinação de divindade e ciência não seria em vão, já que na prática, ambas trilhavam caminhos opostos. Para um devotado e um cientista, o significado jamais seria o mesmo. Pensem meninos, uma invenção dessas na mão de pessoas como Augusto, seria o fim. Pela mãe, ele soube da história de Adalto. Eu desconfio que Ester sabe além do que aparenta saber. Não sei se tem certeza sobre a existência do jogo, no entanto, daria qualquer coisa para descobri-lo e manipular seu poder.

Mel levou as mãos ao cabelo num gesto de desespero – acaso o senhor sabe o que aconteceu a Augusto após o casamento com Leocádia? Porque minha tia-avó ficou viúva ainda bem cedo...

---

<sup>4</sup> Para reler a citação latina, voltar à página 20.

- Ao que parece, ele tentou manipular as anotações de Adalto. No porão há uma passagem secreta que guarda suas experiências. Ou pelo menos as que ele permitiu que nos chegassem intactas. Nem eu nem meu pai, entendemos com clareza o que levaria alguém a atravessar o tempo. Apenas esboçamos algumas conclusões. O fato é que Augusto queria o controle do jogo, como tantos outros, quis chegar onde ninguém chegou. Porém, nenhuma de suas tentativas deu certo. Com o auxílio da mãe, ele havia feito um pacto que comprometia a condenação da própria alma. Como já disse, Ester é ocultista, mas utiliza os conhecimentos que possui de forma nefasta. Bem... o acordo foi cobrado. Ele enlouqueceu. Um ataque fulminante do coração fez com que perdesse a vida antes de regressar ao passado e modificar sua história. Desde então, sua alma está aprisionada na mansão. Ele acredita que só se libertará quando destruir todos os descendentes de Adalto.

Leocádia não pôde evitar um arrepio – Não posso me casar com esse homem vovô... Como ele pode fazer o mal depois de morto?

- O mal rendeu aliados. Todavia, certas forças não se explicam e é melhor não conhecê-las. Vamos acreditar que o bem é superior e tentar encontrar a solução dentro de nós. Sempre acreditei que as respostas se escondem no interior de cada um.

Mel voltou a analisar o enigma. Alternava o olhar entre a ampulheta e o altar sem saber como poderiam realizar algo de tamanha importância em tão pouco tempo. Começava a questionar se Nélio estava em seu juízo perfeito – *precisamos de alguma pista mais concreta ou nosso prazo vai vencer.*

Nélio sorriu diante da perspicácia da menina – já disse tudo o que sabia. Mas vocês têm um próprio papel a desempenhar. Precisam decifrar o quebra-cabeças.

- Não somos químicos ou cientistas... Muito menos filósofos.

- Ora minha menina, não se aflija demasiadamente. Sei que são especiais, têm a inteligência aguçada para a idade que possuem e não costumo me enganar quanto às pessoas. Além disso, estão anos a nossa frente e sabem que suas vidas dependem do resultado desse jogo. Não existe motivação maior. E nunca se esqueçam: nada acontece sem que uma razão maior esteja por trás dos acontecimentos.

Pedro então contestou – Há algo que não entendo. Augusto quer destruir os descendentes de Adalto. Entretanto, Leocádia não tem irmãos, mas somos netos de Vidigal que, supostamente seria seu irmão. Acaso o senhor pode nos explicar o que isso significa?

Nélio direcionou o olhar para a neta – só você pode nos esclarecer a existência dessa criança.

Forte palidez acometeu Leocádia – não pode ser, vovô!

- Não há outra explicação lógica.

Mel e Pedro alternavam a atenção entre um e outro – afinal, o que não pode ser? – irrompeu a menina.

- Eu... eu estou grávida, todavia isso não significa que... Deus, não consigo aceitar tantas hipóteses mirabolantes. O fato é que eu e Leonardo pretendemos fugir. Essa história não tem pé nem cabeça. Não pode ter.

Mel analisou mentalmente as datas. Se a maldição só se estendia aos herdeiros diretos de Adalto e sua família estava vivenciando acontecimentos estranhos na mansão, só havia uma conclusão – Eureka<sup>5</sup>!!! Nélio está certo. Meu avô Vidigal é o bebê que você está esperando!

- Sinto muito, vocês devem estar com febre. Tudo o que dizem me parece um grande delírio. Estou começando a acreditar que estão todos insanos.

- Não seja tão descrente, Leonardo, – afirmou Nélio indignado – Sua vida também corre risco. Eu, em seu lugar, colocaria as barbas de molho.

Por alguns instantes, os cinco permaneceram em silêncio. Leonardo constatou que o avô de Leocádia sempre lhe pareceu um tanto maluco, mas havia a história dos meninos e alguns fatos pareciam ter fundamento. Já havia sido ameaçado por Augusto e sabia que corria perigo de vida – Devo voltar para casa. Minha mãe sempre me espera acordada e temo por deixá-la só.

- Não vá Leonardo. Não tenho um bom pressentimento. Está tarde e nunca sabemos o que pode acontecer.

- Você está impressionada com tudo que ouvimos.

- Minha neta tem razão. Existe um atalho que só eu conheço. Melissa e Pedro vão se esconder aqui. Eu e Leocádia o

---

<sup>5</sup> Interjeição; *heureka* deriva do grego e indica uma descoberta.

acompanharemos alegando que iremos nos recolher. Ninguém nunca vem ao porão e os dois continuarão à procura de alguma solução. Leiam meus manuscritos. Segui a ordem exata das anotações de Adalto. E lembrem-se, para chegar a algum lugar, devem ver além do óbvio.

## Capítulo Sete



Os sons da noite invadiam o interior das paredes de pedra, enquanto Mel e Pedro quebravam a cabeça tentando decifrar o enigma. As horas passavam e o clima estava tenso. Temiam permanecer no passado e ainda mais pelo destino de sua família, caso o fantasma de Augusto alcançasse seus objetivos. Aquelas alturas, o clima na mansão deveria estar pegando fogo.

Cada vez mais o perigo se aproximava. Precisavam evitar o casamento de Leocádia e salvar a vida de Leonardo.

Melissa manuseou o caderno de Nélio. Percebeu que algumas definições estavam destacadas, mas não conseguia ligar aqueles conceitos complexos ao estranho jogo de Adalto.

- Tudo bem, Primo. Não temos um computador a nossa disposição, então, precisamos pensar. Quando aprendemos a montar um quebra-cabeças, vamos por etapas, começamos buscando as peças maiores, que indicam o restante da trajetória - Veja – ela apontou as peças alinhadas sobre o altar - o jogo parece ter 12 peças grandes, isso se não contarmos a que desapareceu. Mas se olharmos detalhadamente existem as pequenas que se ligam à peça central. Com ela, totalizamos 24.

- É mesmo, não tinha reparado. E se Adalto era um cientista, logicamente não se trata de um número qualquer.

- Bingo, Pedro! É verdade! Talvez Nélio possa esclarecer...

- Ou não. Porque se ele tivesse todas as respostas não estaríamos aqui.

- *Ok!* Vamos raciocinar como jogadores de game que somos. São 24 peças, que parecem ser 13. Então, temos um jogo de 12 e 12. Doze meses formam um ano.

- Hum, e um dia tem vinte-quatro horas.

- *Espera. Treze não é o número do azar?* – Pedro assentiu, tentando acompanhar o raciocínio de Melissa, o que nem sempre conseguia com facilidade – Nélio falou que Adalto teria alcançado uma projeção, mas começo acreditar que a palavra-chave seria outra.

- E qual? Será que não está *viajando* demais?
- Na sua opinião é o que eu sempre faço, só que desta vez, viajamos literalmente! Os dois.
- Muito engraçadinho! HA! HA! HA! HA!
- Eu achei... Olha, acredito que o quebra-cabeças pode ser a representação de par e ímpar, bem e mal, passado e futuro e assim por diante. O que nos leva a idéia de... – *Alôoo! Não captei. Dá pra falar minha língua?*
- Equilíbrio Pedro! E a peça que pensamos ser uma estrela pode ser um hexágono se pensarmos matematicamente, o que traz a idéia de equilíbrio novamente porque não posso deixar de pensar em proporção. Veja, dois mais dois, doze mais doze. Entendeu?
- Pedro levou algum tempo até alcançar o raciocínio de Melissa – Ou vice-versa. Se ele pesquisava o cosmo, podemos sim relacionar a uma estrela.
- Tem mais, já reparou que Tia Ana vive dizendo que as pessoas costumam utilizar a estrela como uma espécie de talismã? – O garoto concordou – Ela tem uma loja de produtos esotéricos, deve saber o que fala.
- Pois se isso faz sentido, se encaixa perfeitamente na minha tese de equilíbrio, razão e emoção.
- Puxa, você é demais. já disse que te adoro, Mel?
- Nunca.
- Enquanto os dois tentavam conectar os pensamentos, Mel analisou as paredes ao redor e aproximou-se de uma estante onde se encontravam alguns livros. Buscou algum sinal, mas todos pareciam tratar de filosofia. Por fim, encontrou um antigo dicionário que chamou-lhe a atenção, devido a inscrição do título em alto relevo.
- O que você está procurando, Mel?
- Um significado mais concreto de equilíbrio.
- Mas nós sabemos o que é. Por que você sempre tem que complicar?
- Nós temos uma noção, o que não me impede de buscar repostas mais específicas – Veja, está aqui. *Fala-se em uma igualdade, absoluta ou aproximada entre forças opostas. E ainda, em estado inalterável das cousas.*

Impaciente, Pedro desviou o olhar – Estamos indo longe demais. Talvez sejam apenas hipóteses que estamos criando e pode não dar em nada. Começo a ficar com medo.

Frustrada, ela se afastou e caminhou até a ampulheta. Alguns documentos já amarelados, dispostos na mesa, apontavam as observações de Nélio, acerca dos desenhos deixados por Adalto. As figuras em forma de cones chamaram a atenção de Melissa.

Logo, Pedro se aproximou a fim de checar o que ela fitava com tamanho interesse – São figuras geométricas... Parecem triângulos.

- São cones... o que você acha que isso pode significar? Nélio falou que Adalto teria alcançado uma projeção. Nas margens das peças há pequenos cones desenhados. Eu não tinha compreendido até então, porque parecem figurar apenas como detalhes.

Envolvida, Melissa buscou o caderno que manuseou minutos atrás e percebeu que continha a expressão projeção cônica em destaque. Surpresa, analisou seu significado.

- Eu sabia! É um sinal... veja Pedro, Adalto deixou uma pista – Mel leu o significado para o primo - *Em astronomia temos uma projeção cônica quando a superfície da Terra é projetada, do ponto de vista do observador situado no seu centro, sobre um cone que lhe é tangente na latitude média da representação; nela os meridianos figuram como retas convergentes e os paralelos como arcos de círculos concêntricos.*

- Cada vez entendo menos, Mel. O que essa tal projeção tem a ver com o jogo? Eu não sei nada sobre círculos concên... – Concêntricos! Nem eu vou tão além assim.

- Ainda bem, já estava me sentindo um *E.T.*!

- *“Elementar, meu caro Pedroca”!* Jogos não trazem respostas imediatas. Indicam atalhos, o que conta é a interpretação que fazemos e a ação que vamos tomar.

- Daí a pensar em projeção cônica já é demais! Hello, tenho 12 anos e sou apenas um menino, não um cientista, um físico, sei lá.

- Claro, isso não faz parte do que chamamos de nosso mundo real. É que às vezes, uma coisa quer dizer outra e entrelaçando as probabilidades, acabamos encontrando um sentido. Resumindo, são muitas palavras complicadas e uma só nos leva ao caminho certo.

Veja, a pista é que em seus apontamentos, Adalto circulou o termo meridiano. Ele não fez isso por acaso e a gente precisa verificar.

Melissa novamente buscou o antigo dicionário – Maravilha! Temos aqui o sentido de **meridiano** em latim: meio-dia – ela continuou a leitura – e em astronomia, trata-se de qualquer dos círculos máximos da esfera terrestre que passam pelos pólos; por isso, meridiano terrestre.

- Mel, ainda não sei o que pensar.
- Pedro, meio-dia... o que você associa a meio?
- Médio? – indagou Pedro inseguro.
- Exato. E médio me leva de novo a palavra equilíbrio.

De repente, algo lhe ocorreu - Como não pensei antes?! Segundo Nélio, nosso prazo é até amanhã. Ou seja, 24 horas novamente.

Pedro sorriu acompanhando a dedução de Melissa - Sendo que para nós, amanhã é véspera de natal. É isso! Já sabemos a relação com a estrela. As peças precisam estar alinhadas, até as seis horas do dia 24.

- Muito bem! E tem mais Pedro. Viemos até aqui porque buscávamos respostas. Só vamos voltar se as encontrarmos. Ou melhor, se solucionarmos o enigma, encontrarmos a peça central e equilibrarmos nossas energias.

Contudo, ambos perceberam que teriam pela frente um grande desafio. Precisavam deter Augusto antes que fosse tarde demais. Do contrário, ficariam presos no passado. Só havia uma maneira: Precisavam salvar Leonardo e impedir aquele casamento absurdo. Mas como?

### Enquanto isso...

Na mansão, o clima era tenso e sinistro. Os fatos estranhos que ocorriam escapavam à compreensão de todos. As portas e janelas pareciam vedadas, os meninos haviam desaparecido e por mais que os adultos buscassem uma explicação lógica, começavam a entrar em pânico.

Reunidos ao redor da lareira, foi Vidigal quem quebrou o silêncio – as crianças devem estar no jardim. Precisamos parar de

discutir e pensar numa forma de abrir uma passagem – tem certeza de que não encontrou uma única ferramenta na cozinha, Thomaz?

- Por favor, papai, nas atuais circunstâncias, não consigo encontrar nem minha razão.

- Todo esse desespero não adianta. Alguém está fazendo uma brincadeira de mau gosto e estamos nos deixando levar.

Foi Ana quem respondeu – Não é brincadeira. Sinto uma atmosfera pesada ao nosso redor. Parece que nossas sombras têm vida própria. Melissa tinha razão, trata-se de algum fenômeno sobrenatural. Ainda há pouco, tive impressão de ver os quadros se moverem. Está demasiadamente frio aqui dentro e não entendo como alguém pôde soldar as portas e janelas sem que acordássemos durante a noite. Talvez tia Leocádia queira se vingar pelos anos de indiferença. Sem as crianças, estamos ainda mais desprotegidos. Não sei como logo eu, que há tanto tempo leio sobre as coisas do espírito, estive tão apática.

Ângela e Amélia voltaram a chorar copiosamente e, Onofre e Otávio tentavam acalmá-las inutilmente.

- Parem de chorar. Isso não adianta. Tenho certeza de que meus netos estão bem. São espertos, não se deixariam levar pela conversa de alguém. Não fale tantas tolices Ana. Não criei uma dodivanas e está indo longe demais com essas colocações absurdas. Conte-se em vender produtos místicos, não queira falar sobre o que não conhece. O sobrenatural está nas nossas mentes, uma fantasia que criamos para falar sobre fatos que em nossa limitação não podemos explicar. Acredito que sempre existe uma razão para tudo e o que estamos vivendo deve ser uma retaliação dos credores.

## Capítulo Oito



Quando Nélio voltou, Melissa repassava as conclusões a que chegou.

- Vejo que fez progressos.  
- Vou lhe contar – em pouco tempo, ela narrou suas deduções.  
- Como não pensei antes? Já havia me chamado a atenção o fato de a palavra jogo ter 24 anagramas<sup>6</sup>, ainda assim não a relacionei a uma data específica e a idéia de equilíbrio, explica a disposição das peças. Pequena Melissa, és de fato um gênio!

Nélio estreitou a menina entre os braços, ensaiando alguns passos de dança, o que muito divertiu os adolescentes. Após algum tempo, no entanto, assumiu novamente uma taciturna expressão – temos algo a mais é verdade, porém, não deciframos nada que indique onde está a peça.

Fez-se um instante de silêncio, que Pedro interrompeu excitado – Nélio, caímos no porão por intermédio de um alçapão que se abriu quando tocamos a taça que um anjo tinha nas mãos. Se Adalto deixou uma passagem secreta, é porque tinha algo a esconder. Porque pelo que notei, a entrada que dá para o jardim, não traz a esses cômodos, não é verdade?

- Sim, somente eu e minha neta temos acesso às demais passagens. Todavia, durante todos esses anos, nada encontrei que me levasse ao segredo de Adalto.

Novamente, os três mergulharam em profundas reflexões.

- Já sei! Exclamou de repente, uma entusiasmada Melissa – Adalto deixou um mapa! O próprio enigma deve trazer a indicação que precisamos para decifrá-lo. É sempre assim, o que parece ser difícil é na realidade fácil, mas não à primeira vista. Ou seja, algo que é fácil, torna-se aparentemente impossível, porque ficamos presos nos conceitos que já trazemos acerca dos fatos. Entenderam?

- Não! - responderam os dois ao mesmo tempo.

---

<sup>6</sup> A autora refere-se a anagramas com repetição.

- Ei, Nélio, já observou se as passagens existentes no porão têm alguma inscrição, desenho, como uma letra ou número que possa nos ser útil?

- Esperem! Algo me ocorre – Nélio então foi ao jogo e analisou a divisão das peças – indicou o tabuleiro, traçando um caminho com a ponta do indicador. Acho que podemos comparar a posição das peças à passagem subterrânea.

Rapidamente, buscou um pequeno baú de bronze e de lá retirou um pergaminho amarelado pelo tempo. Os traços eram quase ilegíveis, mas ainda definiam uma planta – é a única que Adalto deixou - Ao todo, temos oito ambientes interligados, repartindo-se cada um em outras três câmeras. Nas subdivisões, vê-se com facilidade que duas são unidas para formar apenas uma. Lá o espaço é mais amplo. Um observador mais atento, logo percebe a harmonia do ambiente. É o único lugar que pode ser comparado a um cômodo. Nele, há nas paredes uma pintura medieval. Venha, vamos até lá.

Àquela hora da noite, os passos pareciam ecoar pelos corredores subterrâneos e os três procuravam não fazer ruídos além dos necessários para se locomoverem. Finalmente, Nélio tocou uma pequena estrutura de bronze que aderiu às pedras e lembrava um castiçal. Subitamente, nova porta se abriu em meio à parede.

- Não se surpreendam meninos, eu mesmo chego a pensar que esse lugar é mágico. Isso só prova que Adalto tinha entre seus atributos, o dom de desenvolver uma preciosa engenharia. Imagine, um falso porão, que esconde na realidade, uma avançada estrutura subterrânea. Por favor, se retornarem ao futuro, não falem nada sobre esse lugar. O silêncio sempre traz uma utilidade benéfica - Melissa e Pedro aquiesceram.

Nélio se adiantou na entrada, seguido pelos meninos. Rapidamente, ele acendeu os castiçais que ornamentavam a obra de arte – vejam, o trabalho se destaca com imponência.

Melissa analisou a pintura por algum tempo. Tratava-se de um cavaleiro tendo em mãos um escudo e uma lança. O que mais lhe chamou a atenção, foi conseguir identificar na pintura, uma pequena circunferência em meio ao escudo. Como se uma linha tivesse sido traçada verticalmente ao meio, uma pequena estrela se encontrava na base inferior.

Ela puxou Nélio pelas mãos e indicou o círculo – o que essa linha quer indicar?

- Ora, há um círculo com uma estrela... só pode ser uma pista - Nélio contornou a figura com os dedos – Meninos! Isso me leva à dedução de um giro de 360 graus, o que por sua vez, revela que continuamos na linha de partida.

- Em outras palavras, caminhamos e não saímos do lugar. Eu já suspeitava - disse Mel.

- Se estamos no raciocínio correto, voltamos à estaca zero – disse Pedro confuso.

- Ou não! - exclamou Nélio - se caminhamos e não saímos do lugar, pode ser que a resposta esteja no próprio enigma.

- Sim, quanto ao enigma eu já havia compreendido. Mas deve haver um outro sinal.

Melissa tirou do bolso, o papel onde havia transcrito o enigma e pôs-se a lê-lo repetidas vezes - não adianta, ainda não consigo chegar a uma resposta. Vamos percorrer os outros cômodos.

Durante duas horas, os três vasculharam inutilmente cada metro das passagens que o porão escondia e que poderiam guardar o segredo de Adalto.

Frustrado, Nélio disse aos meninos - Vamos voltar ao nosso cavaleiro. Há de ter um algo mais além do que já descobrimos.

Uma vez diante do desenho, Nélio levou as mãos aos cabelos num gesto de impaciência. Passeou o olhar pelos símbolos e pela lança que se entrecruzava com o escudo; um tom mais claro na extremidade da mesma, formava uma seta que parecia indicar o chão.

- Parece-me que a seta foi sobreposta à pintura original. Pois comecem a buscar indicações de alguma entrada no chão.

Os três se ajoelharam sobre as pedras e tocaram cada abertura a vista, mas nada denunciava a presença de um esconderijo.

Melissa então se levantou - Não Nélio. Seria óbvio demais estar logo abaixo da lança. Acho que tenho um palpite.

- Acaso quer me matar do coração? Fale de uma vez que já não tenho idade para tais suspenses.

- Com as iniciais do enigma temos:

**A N N N M F O** – ou seja, temos **7** letras, que me levam a idéia de **7** passos.

Descrente, Pedro seguiu o pensamento de Melissa, contudo, nada havia no local indicado – está errado, Mel. Não pode ser tão fácil assim.

Nélio pegou o enigma entre as mãos – talvez esteja certo, mas vejam: a disposição dos três primeiros versos é a mesma. O mesmo não ocorre com os outros. E se as frases não estão alinhadas da mesma forma, a distância não pode ser percorrida em linha reta. Precisamos contar os caracteres em que se diferenciam, transformá-los em passos e traçar um percurso.

- *Carac...* pode repetir?

- Caracteres, Pedro. Falo de cada elemento do enigma. Ou seja, precisamos contar todas as letras e os espaços entre as palavras – esclareceu Nélio.

- Agora entendi.

Séria, Melissa argüiu – O que ele quis dizer com as reticências?

Nélio levou as mãos ao rosto e refletiu – Ora, pelo que conheço do estilo de Adalto, elas devem indicar o que está por vir. Pode ser uma insinuação de que os versos vão além das palavras. De todo jeito, devemos acrescentá-las na construção de nosso mapa - Olhem, já entendemos que as três primeiras frases, seguem aproximadamente a mesma linha, apesar de termos respectivamente, **29**, **28** e **28** caracteres. Vamos contar três passos para as três iniciais (**A – N – N**). Contudo, da terceira para a quarta inicial, temos uma diferença de 13 caracteres à direita. Da quarta para a quinta, a diferença é de 12 à esquerda. Da quinta para a sexta, 2 à direita. Por fim, da sexta para a sétima, 12 à esquerda. Vamos transformá-los em passos.

Nélio encontrou pequena pedra e riscou os cálculos que fazia de fora a fora, traçando um percurso irregular com pequenas variações entre os espaços.

Seguiu o mesmo atentamente e alguns minutos se passaram antes que o resultado identificasse uma pequena abertura, quase imperceptível, a denunciar um fundo falso no chão – *Et voilà!* – encontramos.

- Não temos uma só ferramenta. Aguardem-me alguns instantes. Tempos depois, Nélio retornou com um finco. Retirou uma pedra e uma pequena caixa de metal surgiu. Forçaram a abertura e dentro da caixa havia duas menores. A terceira era de um material mais nobre e leve, contendo uma combinação de sete números.

- Não podemos forçá-la sem corrermos o risco de danificar seu conteúdo. Está aí há muitos anos e, Adalto, como todo bom cientista, jamais deixaria uma mensagem que pudesse ser obtida à força. Vamos ter que descobrir a combinação.

Melissa analisou a pequena caixa e concluiu – Talvez também esteja no enigma.

- É uma opção. O que sugere?

Melissa se manteve em silêncio e Pedro respondeu – calma, ela está processando a informação. Agora mesmo ela joga a bomba.

- Bomba?!

- Nada perigoso. Quero dizer que daqui a pouco ela vai dizer o que pensou.

- Prestem atenção. As iniciais devem corresponder à colocação no alfabeto; um número para cada letra<sup>7</sup>: A=1; N=13; M=12; F=6 e O=14.

Nélio fez a tentativa, mas nada aconteceu – falta algum dado. Não abriu.

- É o N! Está em três iniciais. Não deve ser por acaso. Pense, as duas primeiras frases são semelhantes. Quero dizer, estão alinhadas na mesma proporção e ambas possuem 28 caracteres. A outra não. Em vez do número correspondente à posição no alfabeto, vamos utilizar o número de caracteres para as que são semelhantes. A seqüência dever corresponder à:

**1 – 28 – 28 – 13 – 12 – 6 – 14.**

Nélio novamente tentou e nada – continuamos sem direção.

Os três suspiraram em desalento. Porém, Melissa não desistiu – Talvez a segunda e a terceira inicial devam ser somadas. Se N=13,

---

<sup>7</sup> A autora se refere ao alfabeto antes do Novo Acordo Ortográfico.

temos 26. Novamente o número se repete porque ambas as frases tem 28 caracteres. Para N N N, tente 26, 26 e 13.

Nélio sorriu excitado quando a caixa se abriu. Escondia uma frase talhada num retângulo que parecia ser de uma fragilíssima constituição de gesso:

*“A estrela de Adalto é a base do tempo”.*

- Outro enigma! - exclamou Pedro desanimado - Não vamos conseguir. Não teremos tempo.

- Não diga isso ou colocará as forças da natureza contra nós. Um vencedor jamais prevê a derrota. E – disse após breve reflexão - ainda que perca, sabe transformar o sentimento em vitória. Ora, desamarre essa cara. Vamos voltar ao altar e analisar o quebra-cabeças atentamente. Antes não tínhamos nada, agora, temos um outro enigma a decifrar.

## Capítulo Nove

Quando o amanhecer conheceu suas primeiras horas, Nélio, Pedro e Melissa estavam exaustos.

- Além do dia, além da noite... o que pode estar além do dia e da noite?

- Não vês Melissa? Nossos sentimentos, a idade de nossas almas. De qualquer forma, Adalto fala de tempo. Ainda que num contexto atemporal – disse Nélio em profunda reflexão.

Descansaram por duas horas e acordaram quando Leocádia lhes trouxe bolo, leite e biscoitos para o café da manhã.

- Não posso me demorar. Já pensaram em algo para evitar meu casamento? Continuo acreditando que deveríamos fugir.

- Não Leocádia, isso foi o que tentou fazer da última vez. Eu pude ver no espelho. Foi um erro.

- Mas vovô, como vou evitar se papai está tão decidido?!

- Ainda não sei, quando chegar a hora saberei. E nem ouse indagar como.

- Tudo bem, vou voltar para não levantar suspeitas. Assim que puder, darei novas notícias. Ouvi mamãe dizer que padre Aguiar está a caminho. Eles nem desconfiam que descobrimos. Eu devia estar louca quando empenhei minha palavra.

- Fez o que fez para preservar Leonardo. É perdoável.

Leocádia se afastou e Pedro caminhou até o altar – não consigo entender esses números, cálculos, retas, enfim, toda essa confusão que estivemos revirando por horas e horas a fio. Afinal, por que tentar analisar fatos que desconhecemos? Queria acordar e descobrir que estou sonhando.

- Mas não está! E sempre faz questão de limitar tudo.

- E você de aumentar, inventar, delirar, etc. – Com os olhos azuis marejados, Pedro passou a mão pelas franjas dos cabelos negros e lisos que lhe cobriam a testa.

- Ah, Pedro, a vida não é só um óbvio dois mais dois. Precisamos buscar outras coisas que despertem nosso interesse,

utilizar a inteligência que Deus nos deu e que muitos de nós preferem deixar adormecida. Falando assim, você vai ficar como o tio Thomaz.

- Ei, priminha! Não sou nenhum gênio como você, mas posso dizer que pelo menos o tio Thomaz não se meteu na enrascada em que me meti, já que não ouviu suas loucuras!

- E deve estar bem pior do que nós, porque ao menos estamos tentando lidar com o problema. Nem tudo é 100% racional. *Alôoo!!!* Existem mistérios que ninguém explica, como os milagres e mesmo a origem da nossa existência.

- Ouvir suas teorias a essa hora, me embrulha o estômago.

- Chega meninos – disse Nélio irritado – enquanto Pedro lamenta a própria sorte, vamos continuar nossa pesquisa.

Mel e Nélio se debruçaram sobre o altar e Pedro emburrou-se a um canto qualquer. Contudo, inesperadamente, Nélio se voltou em sua direção – se eu fosse arriscar um palpite diria que Adalto fez uma estrela ser a peça central, por comparar o jogo aos seres humanos. A estrela precisa de suas pontas, porque sem elas não é uma estrela. E o quebra-cabeças nunca estará completo enquanto faltar uma peça. De onde se entende, meu rapaz, que todos nós trazemos um dom e, juntos, somos melhores do que isolados, porque unimos inteligência e motivação, força e percepção, cautela e coragem. Você e sua prima chegaram juntos até aqui e não foi por acaso. Ambos representam os dois sexos, ambos têm doze anos, Melissa trabalha com a elaboração de estratégias, ao passo que você é bom em executá-las. Ora, se a vida os uniu de alguma forma é porque trabalham bem estando em dupla. Se Melissa vai longe demais, tem você como ponto de equilíbrio. Entendeu?

Pedro assentiu, analisando a questão daquele modo pela primeira vez, pois que em certos momentos, sentia-se como sendo a sombra de Mel. Não mais do que alguém que sempre seguia suas decisões.

- Sua família corre riscos e, em vez de tentar descobrir o que está acontecendo, um se voltou contra o outro. Isso os enfraqueceu e alimentou o inimigo. Sem serenidade não há equilíbrio e sem equilíbrio, não vamos chegar a lugar nenhum. Fé e descrença não trilham o mesmo caminho ao mesmo tempo, trilham?

- Não.

- Trabalhamos admiravelmente até aqui. Deixe de se sentir vítima e mãos a obra. Do contrário, estaremos falhando. Cada um faz suas próprias escolhas, sugiro que escolha voltar ao mundo ao qual pertence, porque depois não adianta reclamar. E posso afirmar, conviver com os pais de Leocádia não é nada fácil.

As horas passavam e, frustrados, os três já não sabiam onde procurar a “Estrela de Adalto”. Leocádia trouxe pão, carne e frutas para o almoço. Retirou-se novamente e só voltou às quatro horas da tarde, na companhia de Leonardo.

- Sinto que Leonardo deve permanecer na companhia dos meninos e tentar ajudá-los a desvendar o enigma. Enquanto isso, vou com Leocádia, ver o que pode ser feito para evitar o desastre. Vi no futuro que Augusto assassinaria Leonardo durante a fuga. Isso já evitamos. Ele está à espreita do rival desde ontem à noite, mas tivemos a sutil ousadia de mudarmos a linha dos acontecimentos. Agora, preciso atraí-lo para impedir que se aproxime de minha neta.

- Isso quer dizer que, se tudo correr bem, não vou mais me encontrar com os meninos.

- É o que espero – afirmou Nélio.

A jovem se aproximou de Pedro e Melissa e os envolveu num afetuoso abraço – Não vou esquecê-los – dito isto, retirou do colo um delicado cordão de ouro, onde cintilava uma esmeralda em forma de gota e o colocou em Melissa – é para combinar com seus olhos verdes. Você se parece muito com sua bisavó.

Tanto Pedro como Melissa se emocionaram e Nélio seguiu, acompanhado de Leocádia.

A mãe de Leocádia só comunicou a cerimônia programada, quando o padre chegou à mansão. As mãos de Leocádia estavam úmidas e trêmulas, quando a genitora a acompanhou para que se vestisse adequadamente.

Naquele momento, Nélio entrou na sala, onde o genro, Augusto e o reverendo estavam reunidos.

- Caro químico... como vai se casar com minha neta, guardei-lhe um regalo especial. Peço que me acompanhe à biblioteca por um segundo.

- Ora meu sogro, deixe tais cousas para após a cerimônia. Estou conversando com Augusto – retorquiu Inácio com impaciência.

- Bem sabes que não gosto de ser contrariado. Sou o dono dessa casa e se quero ter com Augusto, sentir-me-ei ofendido, caso ele se recuse a me acompanhar.

O pai de Leocádia sentiu as faces rubras de indignação, mas Augusto consentiu em acompanhar Nélio, os olhos brilhando de ambição.

- “*Lobo em pele de cordeiro*” – pensou o avô de Leocádia, enquanto o rapaz o seguia até a biblioteca.

Habilmente, pediu que o noivo esperasse próximo à escrivaninha, enquanto retirava da estante *o precioso presente*.

Não se passou dois tempos antes que Augusto, chocado, descesse ao porão.

Satisfeito, Nélio fez a volta pelo jardim e chegou até os meninos em poucos minutos.

- Falta menos de uma hora para as seis! Augusto está preso no porão e há de levar algum tempo antes que encontre a saída pelo jardim. Este é o momento para que fuja com minha neta – afirmou, voltando-se para Leonardo – porém, seja breve, antes que despertemos suspeitas. Vou com você para atraí-la até o jardim. Já deixei dois cavalos selados para que possam chegar até um carro de aluguel que mandei buscar.

Leonardo se despediu de Pedro e Melissa, temeroso – lamento não ter sido útil na solução do enigma. Sinto como se tivéssemos vivido um ano em um dia.

- É o meu sentimento – respondeu Pedro e Melissa aquiesceu.

- Não sou muito crente em coisas fantásticas, contudo, é um grande orgulho saber que os terei como bisnetos.

O jovem partiu, sentido os lábios trêmulos. Sem dúvida, a vida trouxe-lhe uma reversão de valores.

Nélio voltou satisfeito à companhia dos meninos – fiz minha parte. E então Melissa, o que essa cabecinha está tramando?

Melissa puxou o rabo-de-cavalo que unia os cabelos ondulados e amendoados, denotando ansiedade - Estou presa à base do tempo. Já repassei tudo mentalmente inúmeras vezes, o jogo,

suas linhas, os sinais... Não consegui alcançar essa base do tempo. Só se...

Nélio releu o enigma em voz alta.

- *Esferas passantes. Passos errantes.* De fato, se erramos, o tempo escorre por nossas mãos. Nélio, eu penso que já sei!!! A verdade sempre esteve diante de nós.

Naquele momento, gritos se fizeram ouvir e um forte tremor abalou a estrutura subterrânea.

- Depressa mel – gritou Pedro em desespero – a ampulheta está chegando ao fim. Às seis horas da noite, estaremos perdidos! Vamos ficar presos no tempo!

- Fale logo Menina, eu não descobri ainda. E pelo visto, seremos soterrados pela mansão...

- A ampulheta é a chave para o portal: duas dimensões, num tempo só

- Aja depressa menina! O fantasma de Augusto já sabe que descobriu.

Na mesma hora, o espelho refletiu o furioso professor. Diante da feia aparição, os meninos entraram em pânico e, devido ao temor, Melissa manteve-se estática.

- *Querem impedir minha vingança. Vão pagar caro por isso!*

- Ora Augusto, não me assusta nem um pouco. Quer se vingar do mal que buscou com as próprias mãos. Não se cansou de sofrer? Por que prejudicar inocentes? Já não fez com que sofrêssemos suficientemente? Destruíu minha família, amargou a mais terrível solidão por anos e anos e nem a dor lhe fez encontrar a luz – retorquiu Nélio, indignado.

Olhos flamejantes, Augusto o encarou com escárnio, proferindo uma série de ameaças. O teto denunciava estar prestes a ruir quando o espectro indicou satisfeito a ampulheta; os últimos grãos de areia desciam pelo orifício central - O tempo se esgotou! Agora, vocês estão perdidos!

Diante da sinistra gargalhada, o espelho se partiu.

Lutando contra o temor, Mel correu até a ampulheta e a atirou ao chão. Quando o vidro se partiu e o fundo se soltou, ela tirou uma pequena trava de metal e a estrela saltou.

Melissa apanhou a peça e a tocou encantada. Diferente das outras, a estrela apresentava as detalhes em ouro trabalhado.

Novo tremor abalou o porão e a estrela escorregou das mãos de Melissa. Quase caiu ao chão e se partiu pondo tudo a perder, mas, astuto, Pedro impediu a queda e, caminhou na direção do altar, lutando contra a sucção causada pelas energias maléficas que agora manifestavam-se no interior da mansão.

Naquele momento, o fantasma se materializou diante de Nélio e os objetos ganharam o ar.

Num gesto que, frente às circunstâncias, Melissa considerava impossível, Pedro encaixou a peça central antes que o professor pudesse impedi-lo.

Um redemoinho se formou no ar. Com a abertura do portal, Augusto perdeu suas forças. Já não estava mais vinculado à mansão, afinal, de volta ao jogo a estrela de seis pontas reequilibrava o passado.

- Descanse em paz, Augusto! Se não se perdoar, ninguém o fará por você – Nélio não pôde evitar o sentimento de piedade.

- *Nãoooo!!!* - Instantaneamente ele se desmaterializou. Sua alma estava liberta e, quando partiu, nenhuma sombra restou no cenário de Altaville.

Nélio abraçou os adolescentes, os três vibrando com o sucesso da missão - Devem partir agora!

Eles se despediram emocionados.

- Lembrem-se – o ancião falou – agora são guardiões do segredo de Adalto.

- Nós somos! – responderam ao mesmo tempo e, de mãos dadas saltaram para o redemoinho gritando adeus para Nélio.

- Ainda vamos nos reencontrar... – foram aquelas as últimas palavras que ouviram do excêntrico avô de Leocádia.

Sem a influência nefasta da vingança e, diante do poder da estrela de Adalto, a mansão adquiriu o mesmo contorno de outrora... com seu jardim, flores e fontes intactos, num resplendor que deixou o passado e atravessou o tempo, renascendo no futuro.

Sinal de que enquanto há luz, há esperança para todos.

## Capítulo Dez



Melissa e Pedro abriram os olhos quando o orvalho da noite tocou-lhe as faces. Ambos se levantaram e passaram as mãos pelas roupas amarfanhadas e os cabelos desgrenhados.

- O que houve, Mel?

- Não sei, acho que adormecemos no jardim...tive um sonho muito doido.

- Eu também. Será que realmente aconteceu?! - Ambos se entreolharam assustados.

De repente, o tilintar de um sininho chamou-os de volta à realidade. O cenário ao redor em nada lembrava o que encararam pela última vez.

Eles correram para o interior da mansão e verificaram que as diferenças não eram só externas. Já não estavam entre paredes úmidas e cinzentas; ornamentos se destacavam no ambiente luxuoso, os lustres reluziam e a mobília era impecável.

Incrédulos, depararam-se com a farta ceia de natal que ocupava a mesa de fora a fora. Entre cores e aromas agradáveis, os tios brincavam na mais perfeita harmonia e, carinhosos, os pais vieram abraçá-los – onde estiveram meninos? Não os vejo desde... sabe que nem me lembro? – respondeu Ângela confusa.

Pedro apressou-se em esclarecer– fomos conhecer a Vila. Incrível... que lugar fantástico!

É o que eu sempre digo – respondeu Vidigal. Não há recanto tão incrível quanto a região de Altaville. O único porém é a saudade que sinto de meus pais. Meu alento é saber o quanto foram felizes juntos.

Embasbacados, os meninos se surpreenderam com o retrato de Leocádia e Leonardo sobre a lareira. E sorriram... quando se sentaram à mesa, seus risos ainda ecoavam no interior do grande salão.

Feliz com as mudanças realizadas, Melissa se questionou se tudo aquilo era real. *Afinal, até onde a imaginação pode nos levar? Até que ponto o fantástico se inter-relaciona com o real?*

Obteve a resposta que buscava ao tocar sob o vestido o cordão que ganhou de Leocádia antes de se despedirem.

E concluiu...

Existem coisas que não se explicam, mas também não se pode negar que aconteceram.

Nélio afirmou que ainda se encontrariam. O que quis dizer, ninguém sabe ao certo. Porém, fica uma dica: *cada final, dá início a um novo começo. E o que parece, não é... conto a rima, é verdade, mas não deixo a solução.*

*Fim!*